

*“Quem conhece o solo e o subsolo da vida,*

*sabe muito bem que*

*um trecho de muro,*

*um banco,*

*um tapete,*

*um guarda-chuva,*

*são ricos de idéias*

*ou de sentimentos,*

*quando nós também o somos,*

*e que as reflexões de parceria*

*entre os homens*

*e as coisas*

*compõem um dos mais*

*interessantes*

*fenômenos da terra”.*

*“Cada capital da Europa tem o seu monumento célebre, seu edifício predileto, sua grande construção local, que imprime a toda a cidade um caráter do qual ela retira a sua originalidade de aspecto. No Rio, esse monumento é o aqueduto da Carioca, com suas arcadas duplas, seu aspecto de construção romana, sua forma ao mesmo tempo elegante e grandiosa, que atrai de todos os lados os olhares e que estes amam encontrar”.*

Ferdinand Denis, *Brésil* (1837)

Quando os romanos antigos construíam uma cidade, duas coisas que não podiam faltar eram um aqueduto e um anfiteatro, estruturas baseadas no princípio construtivo do arco pleno como elemento de suporte e equilíbrio pela distribuição das cargas. Em torno desses edifícios organizaram-se cidades, implantaram-se sociedades, formou-se uma cultura que abrangeu, no seu auge, boa parte do mundo antigo. Mais do que um simples elemento construtivo, os arcos representavam todo o aparato ideológico do império romano: força, estabilidade, eficiência, regularidade, uniformidade, continuidade, permanência. Permanência tanta, aliás, que alguns até hoje resistem, surgindo aqui e ali, em paisagens européias, africanas, orientais: testemunhas eloqüentes de que toda civilização, todo poder e também toda tirania um dia chegam ao fim. A civilização romana acabou – ou melhor, diluiu-se em outras tantas – mas os seus arcos perduram como provas em concreto de um povo que soube se projetar no tempo e no espaço.

Outras eras, outros povos, mas persistiram os problemas de projetar uma cidade, de dar condições à própria vida e, por conseguinte, ao florescimento de uma cultura. Foi assim que, na década de 1720, no governo de Ayres de Saldanha, concluiu-se após longa demora o grande projeto de trazer as águas do rio Carioca desde a sua fonte no Silvestre, descendo pelo morro do Desterro (Santa Teresa), até o largo da Carioca. Aquele primeiro aqueduto margeava o velho caminho do Desterro, depois transformado em rua dos Barbonos, e seguia até o campo da Ajuda. Os arcos foram reedificados já na década de 1740, sob o governo de Gomes Freire de Andrade, ganhando as feições que hoje conhecemos, e mudando o traçado para passar ao norte daquela rua e por cima da antiga lagoa do Desterro e desembocar diretamente no morro de Santo Antônio. As mudanças não pararam por aí. A própria lagoa do Desterro acabou sendo aterrada, abrindo lugar para a construção de grande parte do bairro da Lapa. E a velha rua dos Barbonos mudou de nome, tornando-se no século XIX, Evaristo da Veiga, nome que até hoje retém.

Em toda cidade, há certos locais que a História parece tomar como palco privilegiado, e onde ela até se repete de forma às vezes trágica, às vezes irônica, às vezes assustadoramente presciente. No Rio de Janeiro, a esquina meridional da Evaristo da Veiga é um lugar como esses, um lugar de grande responsabilidade. Foi por ali que chegaram, pela primeira vez, aquelas águas que dariam à cidade um abastecimento regular, possibilitando a sua transformação em metrópole digna de servir de capital ao País. Também ali ergueu-se, no século XIX, o quartel do corpo policial da Corte, o primeiro do gênero entre nós, o qual ainda domina a rua com o seu jeito carrancudo de fortaleza. Já no nosso século, foi ali que se implantou uma certa escola superior, que prometia redesenhar a visão do Brasil nos moldes da modernidade que então fervilhava no mundo todo. Promessa, repressão, liberdade: já passou de tudo por lá nesses quase cinco séculos de existência.

Hoje parte daquela esquina uma nova voz, sem pretensões de fazer História mas consciente da sua herança atribulada. Fugindo do legado autoritário de romanos, portugueses e outros mais, desejamos que esta seja uma voz acessível, crítica e, antes de tudo, plural. No verdadeiro espírito dos arcos antigos, esses *Arcos* pretendem dar estrutura a diversas cargas e conciliar influências opostas.

A nossa boa e velha cidade pode não precisar mais de um aqueduto mas sempre há espaço para uma outra espécie de canalização, de tipo metafórico: uma canalização que conduza as idéias por leitões inusitados, criando um fluxo intenso onde antes havia apenas uma baldeação irregular. É nossa esperança sincera que, como os velhos arcos da Lapa descritos com tanto carinho por Ferdinand Denis, esta *Arcos* atire para si os olhares e que estes, por sua vez, sintam prazer em encontrá-la.

Os Editores